

Winter, Jay e Prost, Antoine (2020). *The Great War in History. Debates and Controversies, 1914 to the Present*. Cambridge: Cambridge University Press, 2nd Edition, 290 p., ISBN 978-1-108-84316-4

O livro aqui objeto de análise foi originalmente dado à estampa pelas Éditions du Seuil, em 2004, com o título de *Penser la Grande Guerre. Un essai d'historiographie*. Pensado como «um ensaio de historiografia», foi publicado no ano seguinte, em inglês, com o mesmo (sub)título desta segunda edição de 2020. Dedicado à memória do historiador Pierre Renouvin, também autor de uma série de estudos sobre a Primeira Guerra Mundial, o texto de Winter e Prost pretende(u) contribuir para o debate científico, uma vez que «the subject remains an open one». Com efeito, «receding over the horizon of living memory, the subject remains vivid, and this fascination is evident in new books produced by well-known historians who are not particularly specialists in this period» (p. 1). A propósito desta asserção de Winter e Prost tomem-se dois originais exemplos: *Where the Popies Blow. The British Soldier, Nature, The Great War* (2016), de John Lewis-Sempel; e *A Supernatural War. Magic, Divination, and Faith during the First World War* (2021), de Owen Davies.

De resto, a primeira edição de *The Great War in History*, de 2004/2005, como que veio a coincidir com o desaparecimento físico dos derradeiros participantes no conflito. Recorde-se o caso de Harry Patch, «the Last Fighting Tommy», que morreu em julho de 2009. E, em boa verdade, este facto correu quase em paralelo com o *boom* historiográfico desencadeado pelo (avizinhar do) centenário da guerra, assim como do impulso que o «exponential growth of the Internet» (p. vii) imprimiu à investigação arquivística – enquanto razões que levaram os dois autores a assinar uma segunda edição da obra, revista e ampliada.

Cindido em dez capítulos, *The Great War in History* apresenta-se como um estudo sólido, uma obra de maturidade sobre «história da história».

Tais qualidades são perceptíveis na lógica da organização interna, na ampla bibliografia apresentada e discutida de modo conciso e crítico, não se devendo perder de vista o destaque dado à «outra literatura» (p. 186-191), quer dizer, a de natureza ficcional. O próprio cinema, na esteira das abordagens pioneiras de Marc Ferro, é objeto de análise, ainda que de modo um tanto esquemático, embora seja de mencionar o lugar mais destacado que esta arte ocupa noutra obra importante de Jay Winter, *Sites of Memory, Sites of Mourning* (1995). A propósito deste último livro, lembre-se como Winter, num exercício de interdisciplinaridade, aí recuperava a concetualização de Pierre Nora, ao mesmo tempo que conjugava o filme *J'accuse* (1919), de Abel Gance, com as memórias do escritor Blaise Cendrars sobre o funeral do poeta Guillaume Apollinaire, no contexto do final do conflito e da irrupção da pandemia da Gripe Pneumónica.

Em todo o caso, os estudos inaugurais sobre a Primeira Guerra Mundial foram menos sensíveis às temáticas culturais e artísticas. Na verdade, tenderam a adotar uma perspetiva positivista em torno das perceções militares (do alto-comando) sobre o curso da guerra, assim como do papel da diplomacia nas diferentes fases do conflito mundial. Segundo os autores, no capítulo inicial, intitulado «Three historiographical configurations» (p. 6-33), esta terá sido a abordagem largamente dominante até aos anos 60.

De acordo com os argumentos apresentados, a segunda metade do século começou a privilegiar a História Social. Este desenvolvimento terá resultado da «massive expansion of higher education in all European countries and in the United States» (p. 15), da disseminação do paradigma historiográfico marxista e da própria massificação da cultura, que, neste particular, culminou com a edição de obras para o grande público e a multiplicação de documentários e de filmes. De facto, começava a emergir a perspetiva do homem comum e da mulher comum, não necessariamente associada ao comemoracionismo do Soldado Desconhecido, um dos símbolos mais marcantes e duradouros da Grande Guerra. Neste âmbito, os autores põem a tónica na inovadora análise do ponto de vista do soldado-raso, presente em *The Face of Battle* (1976), livro em que John Keegan dissecou três batalhas de épocas diferentes: Azincourt, Waterloo e Somme.

Por sua vez, a terceira configuração seguiu de próximo a evolução das Escolas dos *Annales* e, de certo modo, da historiografia internacional. Brotando diretamente da segunda configuração, este último momento começou a abraçar o paradigma cultural, sendo aquele que chega ao presente. Assim, são de sublinhar diversas obras, das quais emerge *The Great War and Modern Memory* (1975), de Paul Fussler, estudo que os autores definem como «seminal», tendo mesmo inspirado «an entire generation of scholars interested in literary and cultural questions» (p. 27). O centenário da

guerra não terá alterado a predominância desta terceira configuração, muito embora as últimas décadas tenham assistido ao surgimento de trabalhos comparativos, sobretudo a partir das realidades da Grã-Bretanha, França e Alemanha. Neste sentido, vieram acrescentar uma importante dimensão, nem sempre presente no citado livro de Fussell ou em *A War Imagined* (1992), de Samuel Hynes, mais focados na especificidade do caso inglês.

Em resumo, este Capítulo 1, mais do que enquadrar, fazer as vezes de segunda introdução ou constituir tão-só a primeira parte de um estudo, funciona antes como um microcosmo, uma vez que as três configurações acabam por ser desmultiplicadas em cada um dos capítulos, naturalmente com as especificidades próprias de cada tema. Por exemplo, atente-se no Capítulo 4 – «Soldiers: how did they wage the war?» (p. 82-108), subdividido nas alíneas «A history of the war without soldiers» (p. 83-87), «the reintegration of the soldiers» (p. 88-97) e «combatants between consent and coercion» (p. 97-107); ou no Capítulo 7 – «Civilians: how did they make the war and survive it?» (p. 152-172), composto pelas alíneas «Masses at war: the 1920s and 1930s» (p. 153-156), «Societies at war: the 1960s and 1970s» (p. 156-159) e «Surviving the war: the 1980s and 1990s» (p. 159-172). Conforme fica explícito, ao possuírem uma visão de conjunto do século, assim como havendo iniciado as suas lides historiográficas na transição da segunda para a terceira configuração, os autores tomam como ponto de referência (o)s indivíduo(s) e não tanto as «estruturas». Trata-se, como resulta óbvio, de uma opção, sendo esta claramente plasmada no nome dos capítulos: Capítulo 2 – «Politicians and diplomats: why war and for what aims?» (p. 34-58); Capítulo 3 – «Generals and ministers: who commanded and how?» (p. 59-81); Capítulo 5 – «Businessmen, industrialists, and bankers: how was the economic war waged?» (p. 109-125); ou o Capítulo 6 – «Workers: did war prevent or provoke revolution?» (p. 126-151).

Como quer que seja, como anunciam Winter e Prost, cumpre aos três derradeiros capítulos carrear as novidades mais substanciais em relação à edição de 2004/2005. Enquanto o Capítulo 8 – «Agents of memory: witnesses and historians, 1918-2000: how did the memory of the First World War unfold over the course of the twentieth century?» (p. 173-192) é mais contido na sua recapitulação da influência que acontecimentos históricos, como a ascensão do nazismo ou a Guerra do Vietname, tiveram sobre o modo de encarar o conflito de 1914-1918, os capítulos 9 – «The Age of the Internet» (p. 193-213) e 10 – «Writing the History of the Great War, 2000-2020» (p. 214-231) revelam-se mais originais. Sob o signo da crescente aceleração dos meios de comunicação que o último vinténio trouxe, os autores aduzem, ainda, o fator da comemoração e rememoração como decisivo. Sem dúvida que as cerimónias do centenário, com toda a sua revivificação de rituais,

espoletaram novos estudos versando o modo de como cada país, região ou cidade terá evocado (e reinventado) as suas próprias memórias. Desde o formalismo frio da limpeza dos monumentos aos Mortos da Grande Guerra até às manifestações de descendentes, inscritas na memória coletiva das comunidades mais flageladas.

De modo a responder a este e outros desideratos, os autores comentam criticamente os contributos mais recentes, enfatizando aqueles que abordam outros teatros de guerra, que não apenas a Frente Ocidental. Afinal, «the immense event we call the Great War means different things in different places» (p. 240). E, a concluir, Winter e Prost chamam a atenção para um outro elemento relacionado com o centenário, ou seja, que este «has done much to discredit the thesis that there was between 1914 and 1945, a second 'Thirty Years War'» (p. 237). Partindo do vínculo causal muitas vezes estabelecido entre Verdun e Auschwitz, os autores sublinham a estabilidade alcançada durante a segunda metade dos «Roaring Twenties», de súbito interrompida pelo Crash de Wall Street e as suas consequências mais drásticas: a chegada ao poder do nacional-socialismo na Alemanha. Trata-se, pois, de uma crítica a um pensamento histórico demasiado determinista. O mesmo espírito que deve presidir ao mensurar os antecedentes da primeira grande catástrofe do século XX.

SÉRGIO NETO
Universidade de Coimbra,
Centro de Estudos Interdisciplinares (CESI20)
sgdneto@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-9737-0029>